4. Conclusão

4.1. Um final em aberto

Vimos ao longo de todo o texto que a resposta para a pergunta “o que é saudade?” não nos é satisfatoriamente respondida pelo verbete do dicionário. Também não nos agradou a definição filosófica de saudade do brasileiro José Antônio Tobias. Então o que achamos de interessante na análise dos poemas, trovas e provérbios? Quantas facetas da palavra saudade puderam ser encontradas que complementam a definição tanto do verbete quanto da filosofia?

Primeiro repasso rapidamente o que foi visto nos tópicos sobre o que é saudade: relação íntima entre saudade e amor; força do sentimento que abarca a pessoa; anulação de toda a distância espacial e temporal; saudade associada ao canto e a música; estreita relação entre saudade e liberdade; elemento divino do âmbito do sagrado; diferença entre lembrança e saudade; positividade do sentimento; da parte da casa e sua sutil diferença entre a expressão da saudade em Portugal e no Brasil.

Acredito que essas novas características da categoria saudade nos tenham elucidado menos o que ela realmente é e mais o que ela pode ser. Não cabe aqui a tentativa de explicar a saudade por um viés utilitarista ou científico. Não procuro um gene da saudade que a priori explicaria o porque de sua existência. A saudade é um sentimento e sentimentos não são passíveis de ser explicados pela razão, embora possamos tentar e darmos o máximo de nós para que isso seja possível. Não esqueçamos de D. Duarte I ao dizer ser a saudade um sentido do coração e não da razão. Nos diz uma trova brasileira da autoria de Maria Feijó:

A saudade? Quem se atreve,
Neste mundo, a defini-la?
Quando muito o que se deve
É mesmo poder senti-la...

Com isto posto vamos ver se já estamos prontos para responder as questões propostas na introdução deste trabalho: O que realmente é a saudade quando evocada

pelos falantes da língua portuguesa? O que significa este termo para aparecer com toda essa importância na produção literária tanto erudita quanto popular de nosso país? Podemos definir a saudade como uma das particularidades de nossa sociedade/cultura? Como algo que nos caracteriza enquanto brasileiros?

Creio que a primeira pergunta não tem realmente uma resposta satisfatória. A saudade pode ser entendida tanto como o simples verbete do dicionário e da definição filosófica quanto pelas análises que fiz na poesia brasileira e portuguesa. A palavra saudade vai sempre escapar a qualquer definição que tente fechá-la em um todo completo. Mas se tentarmos explicá-la através de suas características mais marcantes, creio poder fazer uma espécie de mapa explicativo da saudade (lembrando que os mapas não são reproduções perfeitas e completas do real, mas sim meras aproximações). Claro que isso poderia levar ao erro com mais facilidade e deixar o leitor perdido (e isso é o que os mapas fazem de melhor), mas prefiro manter a explicação do que é saudade em aberto, ao invés de direcionar o leitor para uma dada resposta supostamente mais segura.

A resposta da segunda questão foi respondida de forma indireta ao longo das análises dos poemas, provérbios e trovas. Os tópicos também serviram para ajudar na marcação das qualidades e dos elementos que constituem a saudade na poesia brasileira e portuguesa. Se o leitor, depois de reler a segunda questão sentir que, de alguma maneira, ela ainda não foi respondida, bem, isso também era um pouco parte do que eu queria ao deixar a saudade em aberto, mas também cabe ao leitor julgar se a expressão de saudade que analisei confere com o que ele próprio sente ao dizer “estou com saudades”.

A terceira questão está em estreita relação com a questão sobre o poeta brasileiro Olavo Bilac¹. Sem dúvida alguma que a resposta é sim. A saudade é uma das particularidades de nossa cultura. Se voltarmos ao debate entre universalistas e particularistas, atentemos para o fato que mesmo D. Carolina Michaelis de Vasconcellos e Osvaldo Orico, a primeira defendendo a universalidade e o segundo escolhendo uma terceira via, acabam por ceder suas perspectivas e adotam o viés particularista da saudade. Sim! Ela é uma positividade de nossa cultura. Sim! É uma

¹ Esta questão está reescrita mais a frente no texto.

particularidade que nos define o que é ser brasileiro. Sim! Podemos dizer: sou brasileiro porque pertencço a uma sociedade/cultura que tem a palavra saudade como valor.

Sendo de maior sinceridade, não importa se a saudade é “realmente” ou não uma particularidade da cultura brasileira. O que nos importa é saber o que o brasileiro padrão imagina da saudade; como ele classifica a saudade em sua escala valorativa em relação com outros valores em comum de outras sociedades e culturas. A saudade é vista e entendida como uma positividade e particularidade da cultura brasileira porque foi isso que se apresentou nas análises dos poemas deste trabalho, e não simplesmente porque o autor resolveu ser partidário de um lado em detrimento do outro. A saudade é sim um valor de extrema importância para uma pessoa que se define como brasileiro e falante de língua portuguesa, porque os próprios falantes julgaram, julgam, e a que tudo indica, julgarão por muito tempo ainda a saudade como um bem. É isso que está em questão.

Finalmente chegamos na última e mais importante pergunta de meu trabalho. Reproduzo-a: Olavo Bilac foi brasileiro porque expressou a saudade individualmente melhor que ninguém, influenciando assim a geração poética posterior; ou ele foi brasileiro exatamente por expressar uma idéia de saudade que é de base social e não faz parte daquilo que as pessoas escolhem individualmente com mais sensibilidade? Ou seja, o tema da saudade (algo dado coletivamente) é que faz (ou escolhe) a poesia de Bilac ou é a sua poesia que, por assim dizer, “escolhe” a saudade como tema de sua obra literária? Ao fazer poesia ele, como todos nós, é impelido a escrever sobre a saudade ou se trata de uma decisão puramente individual?

A questão já estava respondida antes mesmo de terminado este trabalho. Se considerarmos a saudade como uma particularidade de nossa cultura, isso quer dizer que existe um substrato, uma base semelhante pela qual a saudade é reproduzida, isto é, ensinada e passada a diante. Por isso é tão comum ouvir uma criança de quatro anos dizendo estar com saudades. Isto posto, a saudade então, na visão dos poetas brasileiros, pode ser entendida como esta reprodução sócio-cultural da saudade. Os poetas foram crianças antes de ser poetas. Eles foram educados, ensinados no

aprendizado do que é sentir saudade no Brasil, para depois de adultos, embora com uma nota pessoal de cada parte, reproduzi-la ao longo de sua poesia.

A resposta então é: Olavo Bilac foi brasileiro exatamente por expressar a idéia sócio-cultural de saudade em seus poemas. Mesmo que os poetas posteriores tenham sido inspirados em sua obra, a saudade possui a característica de viver fora dos indivíduos. Pois como qualquer categoria social, a saudade existe anteriormente ao nascimento do indivíduo e continua a existir e se reproduzir depois de sua morte. Certamente que Bilac pode ter influenciado a geração posterior a sua, mas a idéia de saudade que ele próprio apresentou em sua poesia já existia anteriormente a ele (em Gonçalves Dias, Castro Alves, Machado de Assis), sendo expressada na geração de poetas brasileiros anterior a sua.

Agora o leitor se pergunta: por que a escolha de Bilac como pilar central em minha obra? Até onde pesquisei, Bilac foi o poeta onde mais apareceu a palavra saudade ao longo de suas obras. Também fazia parte do movimento parnasiano, que via como necessário explicitar o amor e a saudade na poesia. Isso direcionou a minha escolha. De todos os poetas analisados Bilac é o único que tem pelo menos um poema em cada tópico. Foi escolhido pela sua universalidade em tratar a saudade, embora não creio que tivesse a plena consciência disso.

Mas ainda falta uma conclusão na análise sobre o tempo da saudade. Notamos que ela tem a capacidade de manipular com a distância espacial e temporal. Que o tempo é sentido de forma diferente pela saudade e que possui uma especificidade na forma como marca esse tempo; não pelos dias impessoais do calendário, mas pelas lembranças positivas selecionadas pela memória; lembranças quentes, de dentro, da pessoa, um tempo que sugeri ser chamado de querido.

Abordamos a diferença entre o tempo ibérico, mais de existência e o tempo moderno, de velocidade. Mas o tempo da saudade não pode ser entendido aqui como resquício desse tempo ibérico ou puramente como uma expressão desse tempo “atrasado”, tão em discordância com o tempo atual do mundo contemporâneo. O Brasil, como sempre faz em suas “inovações culturais”, onde sua tradição cultural é transformar algo inexistente ou fixo na estrutura em um mediador, um meio

caminho², coloca a saudade, como sugere DaMatta (1993), como ponte entre o tradicional e o moderno.

Sentimento da parte da casa, da pessoa, que marca a passagem por dentro, sentida como cíclica, passível de sempre re-tornar e ao mesmo tempo marcada pelo tempo moderno do presente, através de um avô ou avó com suas saudades profundas a marcar o agora dos netos. Sentimento que é mediador entre os mortos e os vivos, entre o passado e o presente, ou seja, ponte entre os antepassados e acontecimentos passados e o presente do que está vivo, do ser. Lembrança que é sentida mais como existência do passado e menos do que passado sem retorno. Nós, afortunados ou não pelo destino, temos esta única palavra para definir um mundo de sentimentos: a saudade.

4.2. Tentativa de conclusão: curiosa tradução de Poe

Como tentativa de conclusão fechada, analiso aqui duas traduções do poema *O Corvo* de Edgar Alan Poe. Uma, traduzida pelo escritor e poeta brasileiro Machado de Assis e a outra, pelo poeta português Fernando Pessoa, ambos falantes da língua portuguesa. Mas essa semelhança não bastou para que as traduções se iguallassem. Machado traduziu a palavra *sorrow* do poema original em inglês por saudade. Enquanto Pessoa traduziu apenas como esquecimento, tristeza. Vejamos onde está colocado esse conceito, já que é o contexto que vai definir o sentido. É na segunda estrofe do poema *O Corvo*.

No original em inglês³:

Ah, distinctly I remember it was in the bleak December;
And each separate dying ember wrought its ghost upon the floor.

² Isso está sugerido nas obras de DaMatta *Carnavais Malandros e Heróis* e no ensaio *Para uma antropologia da tradição brasileira (ou: a virtude está no meio)* in: *Conta de Mentiroso*.

³ Edgar A. Poe “Selected Prose and Poetry” Edited with an introduction by W. H. Auden. Editora Holt, Rinehart and Winston, 1965.

Eargely I wished the morrow; - vainly I had sought to borrow
From my books surcease of *sorrow* – *sorrow* for the lost Lenore –
For the rare and radiant maiden whom the angels name Lenore –
Nameless here for evermore.

Em português com Machado:

Ah! bem me lembro! bem me lembro!
Era no glacial dezembro;
Cada brasa do lar sobre o chão refletia
A sua última agonia.
Eu, ansioso pelo sol, buscava
Sacar daqueles livros que estudava
Repouso (em vão!) à *dor* esmagadora
Destas *saudades* imortais
Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora.
E que ninguém chamará mais.

Em português com Pessoa:

Ah, que bem disso me lembro! Era no frio dezembro,
E o fogo, morrendo negro, urdia sombras desiguais.
Como eu qu'ria a madrugada, toda a noite aos livros dada
P'ra *esquecer* (em vão!) a amada, hoje entre hostes celestiais -
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais,
Mas sem nome aqui jamais!

Devemos, antes de tudo, atentar para o fato que toda tradução de poema passa por um processo de criação original. Embora a criação dependa da idéia e do formato

original, o trabalho do tradutor não deve ser confundido com mera cópia ou tradução literal de palavra por palavra⁴.

No poema original temos a palavra *sorrow* duas vezes, uma como adjetivo aos livros e outra como tristeza pela perda de Lenora. Na tradução de Machado, a primeira vez que aparece a palavra *sorrow* acaba sendo traduzida por dor (tristeza) e na segunda vez, pois remete à amada do sujeito do poema, Machado traduz por saudade. Mas será esse realmente o sentimento que Poe sentia ao escrever *sorrow* duas vezes? Ou apenas Machado transcreveu suas experiências empíricas, ensinadas por sua cultura, ao traduzir o poema? A segunda questão é nossa resposta.

A palavra *sorrow* no dicionário inglês-português (Michaelis) está como: tristeza, pesar; sofrimento, aflição. A palavra saudade no mesmo dicionário está: *longing; homesickness*. Já a palavra *longing* está como: desejo, ânsia, saudade.

Pelo que vemos, a palavra que mais traduz o sentimento de saudade no universo anglo-saxão é *longing*, mas não se diz nessa mesma língua *I longing you*, mas sim *I miss you*, que na verdade significa o mesmo que eu sinto falta de você. Palavra que nos causa estranheza por ser de pouco uso entre os amantes brasileiros. Então a saudade não se resume somente ao *longing* do dicionário, nem ao *miss* e muito menos ao *sorrow*, que não tem absolutamente nenhuma relação direta com a tradução do dicionário. Mas será mesmo? Então como explicar a saudade para um americano? E por que Machado resolveu traduzir *sorrow* por saudade?

A questão machadiana acredito ser mais fácil explicar. Como o primeiro *sorrow* não estava ligado ao sentimento humanos, mas aos livros, Machado não traduziu como saudade, mas sim dor, sentimento tão oposto. Já no segundo *sorrow*, ele se referia à perda da amada, à tristeza de sua falta. Machado escolheu traduzir por saudade, ao invés do termo correto tristeza, exatamente pelo que falamos acima. Toda tradução de um poema requer criação por parte do tradutor. Machado foi brasileiro, e continua sendo em nosso imaginário, e como um bom exemplar de seu povo, traduziu a tristeza da perda da amada por saudade. Sentimento impensável para Poe, não que ele fosse incapaz de sentir saudade, só não foi treinado como nós

⁴ Para um maior aprofundamento do assunto ver a obra recém lançada *Ensaio Sobre Tradução – Quase a mesma coisa*, de Umberto Eco.

para isso. Sentimento perfeito para nós, afinal de contas, Machado estava traduzindo para os povos que falam a língua portuguesa e nada mais sensato que usar um conceito explicativo da própria estrutura sentimental de sua língua nativa. Como se não bastasse, Machado ainda adjetiva a saudade de imortais. Nada mais significativo para a saudade da amada que morreu e não volta nunca mais. São saudades além do tempo, saudade eternas.

Lembremos que Joaquim Nabuco, conhecido como grande conhecedor da língua e da cultura anglo-saxã, no texto citado na bibliografia, diz que para se expressar a palavra saudade a alguém de cultura e pensamento anglo-saxão, seria necessário usar quatro palavras: *remembrance, love, grief e longing*. Como se vê, o próprio Nabuco já discordava da simples tradução da palavra somente por *longing*.

E a tradução de Pessoa? Ele não traduziu *sorrow* por saudade, mas mantém a palavra esquecer, que vimos estar ao lado da tristeza na análise ao longo do trabalho. Acontece que Pessoa foi mais fiel ao original, tanto por ter morado anos na África do Sul, fazendo do inglês um destaque em sua vida, como Pessoa traduziu, escreveu, trabalhou, estudou e até pensou neste idioma, adquirindo com isso, uma maior familiaridade com esta língua. Pessoa também respeitou com a métrica do poema, ou seja, respeitou a estrutura do original na hora da tradução, mantendo-o mais próximo de sua forma, conteúdo, ritmo e sentidos originais. Já Machado optou por traduzir livremente; mais criou do que traduziu. Enquanto Pessoa preferiu a fidelidade, embora para traduzir um poema com tamanha força, também tenha criado sua parte.

Essa diferença na tradução entre Machado e Pessoa nos surge como exemplo de divergências entre esses dois países, embora falantes da mesma língua, mesmo assim surgem diferenças na expressão da palavra saudade e no que ela expressa quando evocada pelo falante nativo de cada lugar. A saudade tem uma carga valorativa maior no Brasil que em Portugal. E como todo brasileiro, gostamos de contar vantagem dessa particularidade única que nos define enquanto tal: saudade.

* * *

Termino este trabalho na esperança de que tenha deixado muitas saudades no coração do leitor, durante e depois de sua leitura. Que suas passagens, embora de

alguma truculência pela inexperiência do autor, tenham trazido muitas saudades pelas janelas abertas do mundo afora. Como o rebanho de Alberto Caeiro⁵. E para aquele que não é luso-brasileiro nem cidadão de uma ex-colônia portuguesa, que apresente uma certa dificuldade em entender esse sentimento apenas com a leitura desse trabalho, deixo a lembrança de que todo sentimento se expressa pela existência da palavra, e esta designa a forma desse mesmo sentimento. Fecho com Fernando Pessoa, poeta que entendeu isso como ninguém:

Saudades só portugueses⁶
Conseguem senti-las bem
Porque têm essa palavra
Para dizer que a têm...

⁵ Em sua obra poética O guardador de rebanhos.

⁶ Acredito não ser necessário dizer que é só trocar portugueses por brasileiros que teremos o mesmo efeito.